

## OS SÍMBOLOS DE FÉ NA HISTÓRIA: SUA RELEVÂNCIA E LIMITAÇÕES

*Hermisten Maia Pereira da Costa\**

### RESUMO

Neste artigo, o autor parte do princípio de que: a) na Reforma Protestante do século 16 o uso de Catecismos e Confissões, foi de grande valia para a educação dos crentes; b) quando a Igreja Presbiteriana foi iniciada no Brasil, o ensino dos símbolos de Westminster teve importante papel; c) hoje verifica-se um enfraquecimento dessa ênfase, mesmo nos seminários. O autor analisa o surgimento da palavra símbolo, o seu emprego como símbolo de fé, destacando que na Reforma os *Credos* (Catecismos e Confissões) tinham três objetivos específicos: a) evidenciar os fundamentos bíblicos de seus ensinamentos; b) demonstrar que as suas doutrinas estavam de acordo com os principais credos da Igreja (Apostólico, Niceno, Constantinopolitano); c) demarcar a sua posição teológica em relação à teologia romana e às demais correntes provenientes da Reforma. Costa então demonstra como na implantação do Presbiterianismo no Brasil os símbolos de Westminster foram usados e adotados oficialmente. Conclui mostrando os limites dos credos e o seu valor e importância para a edificação da Igreja ainda em nossos dias.

### PALAVRAS-CHAVE

Símbolo, símbolos de fé; Reforma Protestante; Confissão de Westminster; Catecismos de Westminster; presbiterianismo; Igreja Presbiteriana do Brasil.

---

\* *O autor é mestre e doutor em Ciências da Religião, ministro da Igreja Presbiteriana do Brasil, e professor de Teologia Sistemática e Contemporânea no Seminário Presbiteriano Rev. José Manoel da Conceição e no Curso de Pós-Graduação em Ciências da Religião da Universidade Presbiteriana Mackenzie.*

## HERMISTEN MAIA P. DA COSTA, OS SÍMBOLOS DE FÉ NA HISTÓRIA

“A Bíblia é a Palavra de Deus ao homem; o Credo é a resposta do homem a Deus. A Bíblia revela a verdade em forma popular de vida e fato; o Credo declara a verdade em forma lógica de doutrina. A Bíblia é para ser crida e obedecida; o Credo é para ser professado e ensinado.” – SCHAFF, P. *The Creeds of Christendom*, 6ª ed. revised and enlarged. Grand Rapids, Michigan: Baker, 1977, Vol. II, p. 3.

“O que temos de fazer é reconhecer que somos, muito mais do que reconhecemos, frágeis filhos da tradição, boa ou má, e precisamos aprender a questionar, à luz das Escrituras, aquilo que até aqui aceitamos sem perguntas.” – PACKER, J.I. O Conforto do Conservadorismo. In: HORTON, Michael (ed.). *Religião de Poder*. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 1998, p. 236.

## INTRODUÇÃO

Na Reforma Protestante do século 16, o uso de Catecismos e Confissões foi de grande valia para a educação dos crentes, partindo sempre do princípio da necessidade da fé explícita, de que todos os cristãos devem conhecer a sua fé, sabendo no que crêem e porque crêem. No Brasil, quando a Igreja Presbiteriana foi iniciada (1860),<sup>1</sup> o ensino dos símbolos de Westminster teve um papel importante. Hoje, em nome de um suposto “pluralismo” supostamente acadêmico, o que podemos perceber é um enfraquecimento dessa ênfase, mesmo nos seminários ditos reformados, acarretando um desfiguramento doutrinário de muitos de seus pastores e, conseqüentemente, dos membros da igreja.

No início do século passado, ouvia-se o clamor de determinados grupos independentes nos Estados Unidos, que diziam o seguinte: “*Nenhum credo senão a Bíblia*”.<sup>2</sup> Atitude similar ainda hoje é observada em grupos ou pessoas dentro de nossa denominação, que manifestam de forma clara o seu desprezo para com os credos da igreja ou, de modo velado, revelam desinteresse por eles, como se os credos fossem apenas uma série de

<sup>1</sup> Como sabemos o presbiterianismo brasileiro comemora o seu aniversário em 12 de agosto, tendo como marco a chegada de Ashbel G. Simonton ao Rio de Janeiro, em 12/08/1859. Todavia, usei o ano de 1860, não com o intuito de polemizar a respeito, mas sim porque foi em 22/04/1860 que ele começou uma Escola Dominical em sua casa, sendo este o seu primeiro trabalho evangélico realizado em português.

<sup>2</sup> Cf. NOLL, Mark A. Confissões de Fé. In: ELWELL, Walter A. (ed.). *Enciclopédia Histórico-Teológica da Igreja Cristã*. São Paulo: Vida Nova, 1988-1990, Vol. I, p. 340. Este tipo de declaração também se tornou comum, pelo menos no início do século XX, quando alguns fundamentalistas, além de repetirem a afirmação supra, também bradavam: “Nenhum ‘CREDO’, senão Cristo”. Cf. KUIPER, R.B. *El Cuerpo Glorioso de Cristo: La Santa Iglesia*. Grand Rapids, Michigan: SLC, 1985, p. 100; BERKHOF, L. *Introducción a la Teología Sistemática*, Grand Rapids, Michigan: T.E.L.L., c. 1973, p. 22. Entre o final dos anos 50 e início dos anos 60, Lloyd-Jones disse com tristeza: “No presente século há marcante aversão por credos, confissões e por definições precisas. O cristianismo tornou-se um vago e indefinido espírito de boa vontade e filantropia”. Cf. LLOYD-JONES, David M. *A Unidade Cristã*. São Paulo: PES, 1994, p. 213.

pronunciamentos antiquados, sem nenhuma relevância para a igreja contemporânea ou como se eles pretendessem se constituir numa declaração de fé que rivalizasse com as Escrituras Sagradas. Portanto, deveriam ser rejeitados por não estarem de acordo com o espírito da Reforma que, corretamente, enfatizou o “*Sola Scriptura*”.

Quando tratamos deste tema, as questões que logo vêm à baila são: Estariam tais grupos ou pessoas errados? Por outro lado, as denominações que têm as suas Confissões de Fé estariam incorrendo em erros? Neste caso, os Credos e as Confissões não estariam sendo colocados no mesmo nível das Escrituras, contrariando, assim, um dos princípios da Reforma, que diz: “*Sola Scriptura*”?

Tais questões parecem-nos de grande relevância e pertinência; cremos poder respondê-las através deste ensaio. Todavia, consideramos oportuno realçar preliminarmente que “Lutero e os reformadores não queriam dizer por *Sola Scriptura* que a Bíblia é a única autoridade da igreja. Pelo contrário, queriam dizer que a Bíblia é a única autoridade *infallível* dentro da Igreja”.<sup>3</sup> A autoridade dos credos era indiscutivelmente aceita pelos reformadores, tendo inclusive Lutero e Calvino elaborado catecismos para a Igreja. Contudo, somente as Escrituras são incondicionalmente normativas.

## 1. OS SÍMBOLOS DE FÉ

### 1.1. Origem da Palavra Símbolo

O termo “*Símbolo*” é proveniente do grego  $\phi\acute{\alpha}\nu\epsilon\iota\sigma\mu\acute{o}\varsigma$ , derivado de  $\phi\acute{\alpha}\nu\epsilon\iota\sigma\mu\acute{o}\varsigma$  ( $\acute{\alpha}\nu\epsilon\iota\sigma\mu\acute{o}\varsigma$  = “junto com” e  $\phi\acute{\alpha}\nu\epsilon\iota\sigma\mu\acute{o}\varsigma$  = “atirar”, “lançar”, “semejar”)<sup>4</sup> que significa “comparar”, “lançar junto”, “confrontar”, “pôr junto com”. O substantivo  $\phi\acute{\alpha}\nu\epsilon\iota\sigma\mu\acute{o}\varsigma$  significa “encontro”, “juntura”, “ajustamento”. “*Symbolé* pode significar concretamente a articulação do cotovelo ou do joelho: dois ossos diferentes se unem ou se ajustam um ao outro; não se poderia, contudo, conceber concretamente um sem o outro.”<sup>5</sup>

Na Antigüidade, quando era formalizado um contrato, um objeto era partido e dividido entre as partes contratantes; cada parte do objeto dividido era um “*símbolo*” de identidade para a junção com o outro pedaço, “um fragmento que exigia ser completado por outra parte para formar uma realidade completa e funcional”.<sup>6</sup> Posteriormente a palavra passou a significar

<sup>3</sup> SPROUL, R. C. *Sola Scriptura: Crucial ao Evangelicalismo*. In: BOICE, J.M. (ed.). *O Alicerce da Autoridade Bíblica*. São Paulo: Vida Nova, 1982, p. 122.

<sup>4</sup> Cf. Mt 3.10; 13.48; Mc 4.26; 15.24; Ap 14.19. Na voz média, significa “pesar consigo mesmo”, “ponderar”, “deliberar” (Cf.  $\phi\acute{\alpha}\nu\epsilon\iota\sigma\mu\acute{o}\varsigma$ ). In: LINDELL & SCOTT, *Greek-English Lexicon*. Oxford, Humphrey Milford, 1935, p. 126a.

<sup>5</sup> GIRARD, Marc. *Os Símbolos na Bíblia*. São Paulo: Paulus, 1997, p. 26.

<sup>6</sup> SARTORE, D. Sinal/Símbolo. In: SARTORE, Domenico & TRIACCA, Achille M. (orgs.). *Dicionário de Liturgia*. São Paulo: Paulinas/Paulistas, 1992, p. 1143b.

## HERMISTEN MAIA P. DA COSTA, OS SÍMBOLOS DE FÉ NA HISTÓRIA

qualquer sinal ou senha (contra-senha) que transmitisse determinada mensagem.<sup>7</sup> Notemos, portanto, que a idéia embutida no conceito de símbolo é de “dualismo”, separação e junção: as duas partes são separadas para serem “reunidas”.<sup>8</sup> O símbolo só tem valor porque aponta para a realidade simbolizada e a realidade simbolizada carece daquele sinal que a referencia.

O substantivo não é empregado no Novo Testamento; no entanto, o verbo  $\uparrow \leftarrow \text{π} \leftarrow \text{ε} \rightarrow \emptyset$  ocorre seis vezes – somente nos escritos de Lucas – com o sentido de “calcular”, “considerar”, “consultar”, “contender”, “auxiliar”, “receber” (Lc 2.19; 14.31; At 4.15; 17.18; 18.27; 20.14).<sup>9</sup> Na Septuaginta aparece uma só vez, no sentido religioso: Os 4.12,<sup>10</sup> traduzida por “madeira”, “pedaço de pau”, que servia para a consulta idólatra do povo: rãdomancia. Deus já falara desta prática de forma condenatória (Dt 18.9-14/Is 40.19-20; Jr 2.27).

### 1.2. Definição de Símbolo

O símbolo está relacionado com algo que ultrapassa o seu valor intrínseco, tendo como caráter intencional apontar para além de si mesmo; ele tem como marca de sua essência o caráter de sua superação, na qual encontra o seu verdadeiro significado.<sup>11</sup> Carl Jung (1875-1961), diz o seguinte: “Uma palavra ou imagem é simbólica quando implica alguma coisa além do seu significado manifesto e imediato”.<sup>12</sup>

O símbolo é um veículo de comunicação que contribui para romper as barreiras lingüísticas,<sup>13</sup> permitindo a identificação sem o uso necessário de palavras, as quais por sua vez também são símbolos. A linguagem é sempre um elemento simbólico; a língua é uma espécie daquele gênero. O símbolo não pode ser confundido com o elemento simbolizado e, num primeiro

<sup>7</sup> Ambrósio de Milão, por exemplo, explica: “Símbolo é o termo grego que significa ‘contribuição’. Principalmente os comerciantes se acostumam a falar de contribuição quando juntam seu dinheiro e a soma assim reunida pela contribuição de cada um é conservada inteira e inviolável, se bem que ninguém ouse cometer fraude em relação à contribuição. Esse é o costume entre os próprios comerciantes para que, se alguém cometer fraude, seja rejeitado como fraudulento”. Cf. AMBRÓSIO. *Explicação do Símbolo*. São Paulo: Paulus, 1996, 2. p. 23.

<sup>8</sup> Cf. GIRARD, *Os Símbolos na Bíblia*, p. 26.

<sup>9</sup> Isidro Pereira indica que  $\uparrow \leftarrow \text{π} \leftarrow \text{ε} \rightarrow \emptyset$ , na voz média no intransitivo, tem o sentido, entre outros, de “coligir”, “deduzir”, “julgar”, “compreender”, “considerar”. Cf. PEREIRA, Isidro. *Dicionário Grego-Português e Português-Grego*, 7ª ed. Braga, Livraria Apostolado da Imprensa, 1990,  $\uparrow \leftarrow \text{π} \leftarrow \text{ε} \rightarrow \emptyset$ , p. 539b. Talvez indique a idéia de “cotejar” os fatos.

<sup>10</sup> No texto, Deus condena a prática de Israel (8º século), indicando a sua falta de conhecimento da Palavra de Deus e do Deus da Palavra (Cf. Os 2.8; 4.1,6; 8.1,2,14; 10.1; 11.3).

<sup>11</sup> Cf. Agostinho. *A Doutrina Cristã*. São Paulo: Paulinas, 1991, I.2.2. pp. 52-53.

<sup>12</sup> JUNG, Carl G. (org.). *O Homem e Seus Símbolos*, 9ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, (s.d.), p. 20. Agostinho já dissera: “O sinal é, portanto, toda coisa que, além da impressão que produz em nossos sentidos, faz com que nos venha ao pensamento outra idéia distinta”. Cf. Agostinho. *A Doutrina Cristã*, II.1.1. p. 93. [Vd. também Agostinho. *De Magistro*. São Paulo: Abril Cultural, 1973, pp. 319-356].

<sup>13</sup> Cf. CASSORER, Ernest. *Linguagem, Mito e Religião*. Porto: Rés-Editora, (s.d.), pp. 11-12.

instante, ele pode não ter nenhuma relação intrínseca com o que representa; em muitos casos, a relação estabelecida é apenas em nível de idéia, não do ser em si.<sup>14</sup> Os símbolos são “imagens de cousas ausentes”.<sup>15</sup> Por isso é que o “*signum*” (signo) é contrastado com a “*res*” (coisa), que é considerada em si e por si mesma.<sup>16</sup>

Os símbolos têm normalmente um duplo sentido: eles revelam e encobrem.<sup>17</sup> O uso dos símbolos envolve normalmente um “público alvo” a quem me dirijo, tentando ser compreendido por ele. Por outro lado, de forma explícita ou velada, uso deste recurso para ocultar a minha mensagem, despistar os “estranhos”, não iniciados. É claro que nem sempre isto está em nível de consciência; no entanto, quando nos damos conta disso, tendemos naturalmente a usar desse recurso.

O homem é um “animal simbólico”;<sup>18</sup> por isso ele se vale deste veículo para se comunicar; os símbolos são puramente funcionais. O símbolo também pode ser usado como elemento de convergência de um povo ou de um grupo: reunimos pessoas em torno de um gesto que simboliza os nossos ideais e valores – o desenho e as cores de nossa bandeira que nos falam de “pátria” e “nação”; os hinos que nos emocionam, conduzindo-nos a uma postura de luta em prol de uma causa que eles tão bem sintetizam em nosso imaginário, ainda que circunstancialmente.<sup>19</sup> Assim, mudar um símbolo é mais do que mudar uma simples “marca”: é modificar uma concepção, uma perspectiva do mundo e da realidade. Esse ato envolve a memória e a imaginação, visto que toca nas estruturas da lembrança de um fato ou no conjunto de fatos que deram origem àquele símbolo e, também, no imaginário coletivo que o símbolo concentra e ao mesmo tempo germina. Um símbolo tem uma conotação de memória e de esperança; ele marca no tempo o nosso compromisso com o passado e a nossa responsabilidade com o futuro, que temos de construir sob aquela “marca” que nos distingue e identifica. Mudar um símbolo assemelha-se a mudar as leis ou a Constituição. Maquiavel (1469-1527) percebeu bem isso, ao dizer: “Nunca coisa nenhuma deu tanta honra a um governante novo como as novas leis e regulamentos que elaborasse. Quando

<sup>14</sup> Cf. COSTA, Hermisten M. P. *A Literatura Apocalíptico-Judaica*. São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, 1992, p. 40ss.

<sup>15</sup> CALVINO, João. *As Institutas*, IV.17.21.

<sup>16</sup> Cf. Signum. In: MULLER, Richard A. *Dictionary of Latin and Greek Theological Terms*, 4ª ed. Grand Rapids, Michigan: Baker, 1993, p. 282.

<sup>17</sup> Cf. NAUD, Julien. Simbolismo. In: LATOURELLE, René & FISICHELLA, Rino (orgs.). *Dicionário de Teologia Fundamental*. Petrópolis, RJ/Aparecida, SP: Vozes/Santuário, 1994, p. 897.

<sup>18</sup> CASSIRER, Ernst. *Antropologia Filosófica*, 2ª ed. São Paulo: Mestre Jou, 1977, p. 51.

<sup>19</sup> Eusébio diz que quando Constantino entrou vitorioso em Roma cantou hinos ao Senhor. Cf. EUSÉBIO DE CESAREA. *Historia Eclesiástica*. Madrid, La Editorial Catolica (Biblioteca de Autores Cristianos, Vols. 349-350), 1973, IX.9.8-9. (Doravante citada como **HE**).

## HERMISTEN MAIA P. DA COSTA, OS SÍMBOLOS DE FÉ NA HISTÓRIA

estes são bem fundados e encerram grandeza, fazem com que ele seja reverenciado e admirado”.<sup>20</sup>

Portanto, não é de estranhar o fato de que quando Constantino (280-337) se declarou convertido ao cristianismo,<sup>21</sup> alegando ter um sonho antes de uma batalha (312), pintou na bandeira, no seu capacete e no escudo de seus soldados um símbolo representado pelas duas letras iniciais do nome “Cristo”, colocadas uma sobre a outra [X (Chi) e R (Rho)].<sup>22</sup> Disse que agora, conforme vira em sonho, este sinal estava acompanhado da inscrição: “Por este sinal vencerás”. Eusébio relata que Constantino empregou este “símbolo de salvação” contra todas as adversidades e inimigos.<sup>23</sup> Aqui, conforme queria Constantino, estava um novo sinal que apontava para a origem de suas vitórias: “Por este sinal vencerás!”

### 1.3. A Igreja e os Símbolos

A Bíblia está repleta de símbolos: cores, números, animais, nomes de lugares e de pessoas, metais, pedras preciosas, etc. Como já vimos, a igreja pós-apostólica sentiu-se à vontade para empregar figuras que expressassem a sua fé em Deus. O acróstico da palavra “peixe” (“Jesus Cristo, Filho de Deus, Salvador”); as duas letras iniciais do nome “Cristo”, colocadas uma sobre a outra (Chi/Rho); um círculo (= “vida eterna”) e o triângulo com três lados iguais (= Trindade), são apenas alguns dos muitos símbolos usados pela Igreja.

Todavia, a palavra símbolo foi usada pela primeira vez no sentido teológico, por Cipriano,<sup>24</sup> em 250, nas suas *Epístolas* (76 ou 69), referindo-se ao cismático Novaciano. O *Credo Apostólico* (2<sup>o</sup> século), que fora atribuído tradicionalmente aos apóstolos,<sup>25</sup> recebeu o designativo de símbolo ao que parece no Sínodo de Milão (390), numa carta subscrita por Ambrósio (c. 334-397), sendo designado de “*symbolum apostolorum*”.<sup>26</sup>

<sup>20</sup> MAQUIAVEL, N. *O Príncipe*. São Paulo: Abril Cultural, 1973, Cap. XXVI, p. 114.

<sup>21</sup> Cf. EUSÉBIO DE CESAREA, HE, IX.9.1ss. Idem, *The Life of Constantine The Great*, I.26-40. In: SCHAFF, P. & WACE, H. (eds.). *Nicene and Post-Nicene Fathers of the Christian Church*. Grand Rapids, Michigan: Eerdmans, 1978, Vol. I, pp. 489-493. (Doravante citado como **NPNF2**).

<sup>22</sup> EUSEBIUS, *The Life of Constantine The Great*, I.30-31. In: **NPNF2**, I, p. 490-491.

<sup>23</sup> Ibid., I.31. In: **NPNF2**, I, p. 491.

<sup>24</sup> Ver os textos das Epístolas in: ROBERTS, A. & DONALDSON, J. (eds.). *The Ante-Nicene Fathers*. New York, The Christian Literature Publishing Company, 1885, Vol. V (*Epístola* 76), pp. 402-404; (*Epístola* 69), pp. 375-377. (Doravante citado como **ANF**).

<sup>25</sup> Esta lenda bastante antiga encontrou a sua forma mais famosa em Rufino (c. 404), que supõe que cada um dos apóstolos colaborou com uma cláusula em particular na elaboração do “Credo”. Cf. KELLY, J.N.D. *Primitivos Credos Cristianos*. Salamanca: Secretariado Trinitario, 1980, p. 15ss; RATZINGER, J. *Introdução ao Cristianismo*. São Paulo: Herder, 1970, pp. 17-18.

<sup>26</sup> AMBRÓSIO, **Ep.** 42,5.

Martinho Lutero (1483-1546) e Filipe Melancton (1497-1560) foram os primeiros a usarem a palavra “símbolo” para os credos protestantes,<sup>27</sup> passando, desde então, a designar os Catecismos e Confissões adotados pelas igrejas luteranas e reformadas como elementos distintivos da sua compreensão teológica.

## 2. OS CREDOS E AS CONFISSÕES

### 2.1. Origem e Uso

A palavra “*Credo*” é derivada do latim (= “eu creio”) e denota uma postura ativa, uma firme confiança em Deus. A Bíblia apresenta diversas confissões que consistem em expressões de fé, as quais eram ensinadas. Parece haver acordo entre os estudiosos no que diz respeito às evidências neotestamentárias referentes a um corpo doutrinário específico, considerado como “depósito sagrado da parte de Deus”.<sup>28</sup> No Antigo Testamento, encontramos: o “*Shemá*”<sup>29</sup> (“ouve”), o “*credo judeu*”, que consistia na leitura de Dt 6.4-9; 11.13-21 e Nm 15.37-41. O “*Shemá*” era repetido três vezes ao dia, sendo usado liturgicamente na sinagoga<sup>30</sup> e, possivelmente, Dt 26.5-9.

No Novo Testamento deparamo-nos com abundante material que indica a existência de um corpo doutrinário fixo da igreja cristã. Temos referências às “*tradições*” [ $\Theta \neq \text{trad}$ ] (2Ts 2.15),<sup>31</sup> à “*doutrina dos apóstolos*” (At 2.42), à “*palavra da vida*” (Fp 2.16); à “*forma*” (= *modelo*) de doutrina” (Rm 6.17), à “*palavra*” (Gl 6.6), à “*pregação*” (Rm 16.25; 1Co 1.21),<sup>32</sup>

<sup>27</sup> Cf. SCHAFF, Philip (ed.). *Religious Encyclopaedia: or Dictionary of Biblical, Historical, Doctrinal, and Practical Theology*. Chicago, Funk & Wagnalls, Publishers (revised edition), 1891, Vol. IV, p. 2276; SCHAFF, Philip. *The Creeds of Christendom*, Vol. I, pp. 3-4 (nota).

<sup>28</sup> MARTIN, Ralph P. *Credo*. In: DOUGLAS, J.D. (ed.). *O Novo Dicionário da Bíblia*. São Paulo: Junta Editorial Cristã, 1966, Vol. I, p. 342; MARTIN, R. P. *Adoração na Igreja Primitiva*. São Paulo: Vida Nova, 1982, p. 64ss.

<sup>29</sup> É a primeira palavra que aparece em Dt 6.4, derivada do verbo (amfš) (Shâma’), “ouvir”, envolvendo normalmente a idéia de ouvir com afeição. Cf. Hermann J. Austel, Shâma’. In: HARRIS, R. L. et. al., (eds.). *Theological Wordbook of the Old Testament*, 2ª ed. Chicago: Moody Press, 1981, Vol. II, pp. 938-939.

<sup>30</sup> Cf. COSTA, Hermisten M. P. *Teologia do Culto*. São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, 1997, p. 19.

<sup>31</sup> A tradição oral [ $\Theta \neq \text{trad}$ ] (“transmissão”, “entrega”, “tradição”. A palavra é formada de “ $\text{trad}$ ” (“junto a”, “ao lado de”) & “ $\text{trad}$ ” (Conforme o contexto: “dar”, “trazer”, “conceder”, “causar”, “colocar”, etc.) consistia basicamente no que Jesus Cristo, os apóstolos e outros servos de Deus ensinavam através de seus sermões, orientações e comportamento. (1Co 11.2, 23-25; Gl 1.14; 2Ts 2.15; 3.6/Rm 6.17; 16.17; 1Co 15.1-11; Fp 4.9; 1Ts 2.9, 13; 4.11, 12). Nestes textos, evidencia-se que a “tradição” recebida e ensinada amparava-se numa certeza quanto à sua origem divina. Portanto, as “tradições” mencionadas por Paulo distinguem-se daquelas inventadas e transmitidas pelos homens, as quais são recriminadas por Cristo, visto que estes ensinamentos anulavam a Palavra de Deus (cf. Mt 15.2,3,6; Mc 7.3,5,8,9,13). A [ $\Theta \neq \text{trad}$ ] é rejeitada todas as vezes que entra em choque com a Palavra de Deus. Portanto, “a questão não é se temos tradições, mas se as nossas tradições estão em conflito com o único padrão absoluto nessas questões: as Escrituras Sagradas”. PACKER, J.I. *O Conforto do Conservadorismo*. In: HORTON, Michael. *Religião de Poder*, p. 234.

<sup>32</sup> Cf. BROMILEY, G.W. *Credo, Credos*. In: ELWELL, Walter A. *Enciclopédia Histórico-Teológica da Igreja Cristã*, I, p. 365; KELLY, J. N. D. *Primitivos Credos Cristãos*, p. 24.

## HERMISTEN MAIA P. DA COSTA, OS SÍMBOLOS DE FÉ NA HISTÓRIA

à “fé evangélica” (Fp 1.27), à “fé” (Ef 4.5; Cl 2.6-7; 1Tm 6.20-21), às “sãs palavras” (2Tm 1.13), ao “bom depósito” (2Tm 1.14/1Tm 6.20), à “sã doutrina” (2Tm 4.3/1Tm 4.6; Tt 1.9), à “verdade” (Cl 1.5; 2Ts 2.13; 2Tm 2.18,25; 4.4), à “tradição (dos apóstolos)” (1Co 11.2; Cl 2.6; 1Ts 4.1; 2Ts 2.15), ao “evangelho” (1Co 15.1; Gl 1.9), à “confissão” (Hb 3.1; 4.14; 10.23), à “fé que uma vez por todas foi entregue aos santos” (Jd 3/1Tm 1.19; Tt 1.13) e à “fé santíssima” (Jd 20).

Outros textos parecem indicar as primeiras confissões da igreja, tais como: “Jesus, o Cristo” (At 5.42); “Jesus Cristo é Senhor” (Fp 2.11/1Co 12.3); “Senhor e Deus” (Jo 20.28); “Deus e Salvador Jesus Cristo” (At 2.13); “Senhor e Cristo” (At 2.36); “Jesus Cristo Filho de Deus” (At 8.37; Mt 16.16; 1Jo 4.15), etc.<sup>33</sup> Os credos em princípio não pretendem ser uma exposição exaustiva da fé, antes consistem numa declaração de fé dos pontos considerados essenciais à existência da igreja cristã. Primitivamente, os credos e confissões eram empregados principalmente da seguinte forma:

## 1) Doutrinariamente

Serviam como ensino proposicional a respeito da fé cristã, ao mesmo tempo em que combatiam ênfases ou ensinamentos essencialmente errados.<sup>34</sup> No segundo século eles eram conhecidos como “regra de fé”.<sup>35</sup> Os candidatos à profissão de fé estudavam a “doutrina” a fim de que pudessem, na ocasião própria, declarar publicamente a sua fé de forma responsiva.

Os credos também tiveram uma outra utilidade: devido ao temor da perseguição, ao invés de serem escritos, eram memorizados<sup>36</sup> e, quando necessário, recitados como testemunho de sua fé.

## 2) Liturgicamente

a) **Batismo:** os fiéis declaravam (no caso de serem adultos)<sup>37</sup> responsivamente a sua fé na ocasião do batismo<sup>38</sup> (Vd. At 8.37; Rm 10.9).

b) **Santa Ceia:** na Eucaristia, a igreja declarava a sua fé através de hinos, orações e exclamações devocionais (Vd. 1Co 12.3; 16.22; Fp 2.5-11).

<sup>33</sup> Cf. MARTIN, *Adoração na Igreja Primitiva*, pp. 63-76.

<sup>34</sup> Cf. At. 2.42; Rm 6.17; Ef 4.5; Fp 2.16; Cl 2.7; 2Ts 2.15; 1Tm 4.6,16; 6.20; 2Tm 1.13,14; 4.3; Tt 1.9, entre outros.

<sup>35</sup> Para um panorama da documentação existente, cf. COSTA, Hermisten M. P. *A Inspiração e Inerrância das Escrituras*. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 1999.

<sup>36</sup> Ambrósio de Milão escreveu: “Os santos apóstolos juntos fizeram um resumo da fé, a fim de que pudéssemos compreender brevemente o elenco de toda a nossa fé. A brevidade é necessária, para que ela seja sempre mantida na memória e na lembrança”. AMBRÓSIO. *Explicação do Símbolo*. São Paulo: Paulus, 1996, p. 23.

<sup>37</sup> Cf. HIPÓLITO DE ROMA. *Tradição Apostólica*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1981, § 44, p. 51.

<sup>38</sup> Cf. HIPÓLITO DE ROMA. *Tradição Apostólica*, § 46, pp. 51-52; *Didaquê*. São Paulo: Imprensa Metodista, 1957, VII.1. p. 70.



c) **Culto:** Ao que parece, a partir do quarto século os credos passaram a ser usados nos cultos regulares, sendo recitados após a leitura das Escrituras.

Com o passar do tempo, os credos foram se tornando mais detalhados e isto por dois motivos: 1) devido à compreensão mais aprimorada das doutrinas bíblicas; 2) devido à necessidade de, através do ensino cristão, combater as heresias que surgiam, marcadamente relacionadas com a pessoa de Cristo. Neste contexto são elaborados quatro credos que são considerados os mais importantes dos cinco primeiros séculos.

## 2.2. Os Credos da Reforma

Os credos da Reforma são as Confissões de Fé e Catecismos que surgiram no período da Reforma ou por inspiração daquele movimento, refletindo uma teologia semelhante. O que foram os séculos 4º e 5º para a elaboração dos Credos, foram os séculos 16 e 17 para a confecção das Confissões e Catecismos. A razão nos parece evidente: na Reforma, as igrejas logo sentiram a necessidade de formalizar a sua fé, apresentando sua interpretação sobre diversos assuntos que as distinguiu da igreja romana; com o passar do tempo, surgem outras denominações dentro da Reforma que discordavam entre si sobre alguns pontos; daí a necessidade de se estabelecer cada uma os seus princípios doutrinários.

Calvino (1509-1564) já combatiera a “fé implícita”<sup>39</sup> – patente na teologia romana –, declarando que a nossa fé deve ser “explícita”. No entanto, Calvino ressalta que devido ao fato de que nem tudo foi revelado por Deus, bem como à nossa ignorância e pequenez espiritual, muito do que cremos permanecerá nesta vida de forma implícita. Depois de um extenso comentário, o reformador afirma:

Certamente que não nego (de que ignorância somos cercados!) que muitas cousas nos sejam agora implícitas, e ainda o hajam de ser, até que, deposta a massa da carne, nos hajamos achegado mais perto à presença de Deus, cousas essas em que nada pareça mais conveniente que suspender julgamento, mas firmar o ânimo a manter a unidade com a Igreja. Com este pretexto, porém, *adornar com o nome de fé à ignorância temperada com humildade, é o cúmulo do absurdo. Ora, a fé jaz no conhecimento de Deus e de Cristo (Jo 17.3), não na reverência à Igreja.*<sup>40</sup>

Pelas palavras de Calvino, podemos observar a necessidade latente do ensino e estudo constante da Palavra de Deus, a fim de que cada homem, sendo como é, responsável diante de Deus, tenha condições de se posicionar

<sup>39</sup> Ele a chama de “espectro papista”, que “separa a fé da Palavra de Deus”. Cf. CALVINO, J. *Exposição de Romanos*. São Paulo: Paracletos, 1997, (Rm 10.17), p. 375.

<sup>40</sup> CALVINO, J. *As Institutas*, III.I.3. Minha ênfase.

## HERMISTEN MAIA P. DA COSTA, OS SÍMBOLOS DE FÉ NA HISTÓRIA

diante de Deus de forma consciente. A fé explícita é patenteada pela igreja através do ensino da Palavra.<sup>41</sup>

Tillich, interpretando esse fato, diz:

Cada indivíduo deve ser capaz de confessar os próprios pecados, experimentar o significado do arrependimento, e se tornar certo de sua salvação em Cristo. Essa exigência gerava um problema no protestantismo. Significava que todas as pessoas precisavam ter o mesmo conhecimento básico das doutrinas fundamentais da fé cristã. No ensino dessas doutrinas não se emprega o mesmo método para o povo comum e para os candidatos às ordens, ou para os futuros professores de teologia, com a prática do latim e grego, da história da exegese e do pensamento cristão. Como se pode ensinar a todos? Naturalmente, apenas se tornarmos o ensino extremamente simples.<sup>42</sup>

Essa necessidade determina o uso cada vez mais evidente da razão, a fim de apresentar de forma mais razoável possível a doutrina e, ao mesmo tempo, de forma simples. Eis dois marcos do ensino ortodoxo: *amplitude* e *simplicidade*. O ser humano é responsável diante de Deus; ele dará contas de si mesmo ao seu Criador; portanto, tendo oportunidade, ele precisa conhecer devidamente a Palavra de Deus em toda a sua plenitude revelada.

Essas declarações de fé precisavam ser até certo ponto completas, porém, ao mesmo tempo simples, para que o crente comum (não iniciado nas questões teológicas) pudesse entender o que estava sendo dito, confrontando este ensinamento com a Palavra de Deus, tendo, assim, uma compreensão bíblica da sua fé. Em outras palavras, a fé não deveria ser apenas “implícita”, mas sim “explícita”. Neste contexto, e com objetivos eminentemente didáticos, surgem os catecismos (gr.  $\tau/\lambda\epsilon\gamma\omega$  = “ensinar”, “instruir”, “informar”. Cf. Lc 1.4; At 18.25; 21.21,24; Rm 2.18; 1Co 14.19; Gl 6.6.), constituídos, ainda que não exclusivamente, com perguntas e respostas. Até o século 16, a palavra “catecismo” não fora usada neste sentido.<sup>43</sup> Os catecismos visavam servir para instruir as crianças e os adultos;<sup>44</sup> este é o motivo que contribuiu decisivamente para a sua proliferação, sendo que a

<sup>41</sup> “A Escritura é a escola do Espírito Santo, na qual, como nada é omitido não só necessário, mas também proveitoso de conhecer-se, assim também nada é ensinado senão o que convenha saber”. Cf. CALVINO, *As Institutas*, III.21.3). Para uma visão a respeito das implicações deste conceito na prática educacional protestante, cf. COSTA, Hermisten Maia Pereira. *O Conceito de “Fé Explícita” e a Educação: Uma Perspectiva Reformada – Ensaio introdutório*. São Paulo, 2004.

<sup>42</sup> TILLICH, Paul. *Perspectivas da Teologia Protestante nos Séculos XIX e XX*. São Paulo: ASTE, 1986, p. 41.

<sup>43</sup> Cf. WRIGHT, D. F. Catecismos: In: ELWELL, *Enciclopédia Histórico-Teológica da Igreja Cristã*, I, 249.

<sup>44</sup> Cf. LUTERO, M. *Catecismo Maior*. In: *Os Catecismos*. Porto Alegre/São Leopoldo, RS. Concórdia/Sinodal, 1983, *Prefácio*, II.1-6.

maior parte deles jamais passou da forma manuscrita, visto que muitos pastores os elaboravam apenas para a sua congregação local, visando atender às suas necessidades doutrinárias.

O primeiro trabalho a receber o título de “*Catecismo*”, foi o de Andreas Althamer, em 1528.<sup>45</sup> Porém, os mais influentes no século 16 foram os de Lutero: o Catecismo Maior (1529) e o Catecismo Menor (1529). No prefácio do Catecismo Menor, Lutero declara os motivos que o levaram a redigir esse catecismo e também dá sugestões de como ensiná-lo à congregação. No decorrer dos sete capítulos, ele quase sempre inicia dizendo: “*Como o chefe de família deve ensiná-lo à sua casa*” ou “*Como o chefe de família deve ensiná-lo com toda a simplicidade à sua casa*”, e expressões similares. Transcreverei apenas o que Lutero disse a respeito das suas motivações:

A lamentável e mísera necessidade experimentada recentemente, quando também eu fui visitador,<sup>46</sup> é que me obrigou e impulsionou a preparar este catecismo ou doutrina cristã nesta forma breve, simples e singela. Meu Deus, quanta miséria não vi! O homem comum simplesmente não sabe nada da doutrina cristã, especialmente nas aldeias. E, infelizmente, muitos pastores são de todo incompetentes e incapazes para a obra do ensino. (...) Não sabem nem o Pai-Nosso, nem o Credo, nem os Dez Mandamentos.<sup>47</sup>

Mais tarde, Calvino elaborou em francês, durante o inverno de 1536-1537, um catecismo, não sendo constituído em forma de perguntas e respostas, escrito de modo que julgou acessível a toda a igreja. O seu objetivo era puramente didático. Essa obra foi intitulada *Instrução e Confissão de Fé, Segundo o Uso da Igreja de Genebra*,<sup>48</sup> sendo traduzida para o latim em 1538. Posteriormente, Calvino a reviu – tornando a sua teologia mais acessível aos seus destinatários: as crianças<sup>49</sup> – e a ampliou consideravelmente, mudando inclusive a sua forma, passando então a ser constituída de 373 perguntas e respostas. Esta nova edição foi publicada entre o fim de 1541 e o

<sup>45</sup> Cf. WRIGHT, D. F. Catecismos. In: ELWELL. *Enciclopédia Histórico-Teológica da Igreja Cristã*, I, p. 250.

<sup>46</sup> Lutero viajou pela Saxônia Eleitoral e por Meissen entre 22/10/1528 e 09/01/1529.

<sup>47</sup> *Catecismo Menor*. In: *Os Catecismos*, p. 363.

<sup>48</sup> Este Catecismo [Cf. *Instrução na Fé*. Goiânia: Logos Editora, 2004] consistiu num resumo da primeira edição das Institutas (1536). Cf. LINDSAY, Tomas M. *La Reforma y su Desarrollo Social*. Barcelona, CLIE, [1986], p. 101; MCNEILL, John T. *The History and Character of Calvinism*. New York: Oxford University Press, 1954, p. 140 e p. 204. Esta foi a primeira “exposição sistemática do pensamento calvinista na língua francesa.” Cf. FREUNDT JR., A. H. Catecismo de Genebra. In: ELWELL, *Enciclopédia Histórico-Teológica da Igreja Cristã*, I, p. 246.

<sup>49</sup> VENARD, Marc. O Concílio Lateranense V e o Tridentino. In: ALBERIGO, Giuseppe (org.). *História dos Concílios Ecumênicos*. São Paulo: Paulus, 1995, p. 339.

## HERMISTEN MAIA P. DA COSTA, OS SÍMBOLOS DE FÉ NA HISTÓRIA

início de 1542, tornando-se, juntamente com as *Institutas*, um sucesso editorial.<sup>50</sup> Em 1545,<sup>51</sup> Calvino o traduziu para o latim visando dar um alcance maior aos seus ensinamentos, contribuindo deste modo para a maior unidade entre as igrejas reformadas. A partir de 1561, este catecismo ganhou maior importância, visto que desde então todo ministro da igreja deveria jurar fidelidade aos ensinamentos nele expressos e comprometer-se a ensiná-los.<sup>52</sup>

Quanto às confissões, elas basicamente não foram feitas como um texto para a instrução na fé cristã, já que essa era a função dos catecismos.<sup>53</sup> Elas podiam ser produzidas por indivíduos para o seu uso particular (*Segunda Confissão Helvética*), por um concílio de uma igreja particular (*Cânones de Dort*), por um indivíduo que agia como representante de sua igreja (*Confissão de Augsburgo*), por um grupo de teólogos convocados pelo Estado (*Confissão de Westminster*) ou como uma defesa da fé em meio a terrível perseguição (*A Confissão dos Valdenses*), etc. Com isto, estamos dizendo, que não havia uma regra fixa para a elaboração de uma confissão; os contextos eram variados e, apesar de haver motivações comuns a todas elas, existiam circunstâncias especiais que conduziam a determinadas ênfases, especialmente no que se refere às questões relativas ao governo e à igreja romana. Isto traz consigo o problema da unificação das confissões. Por que não unificá-las? é uma pergunta pertinente. De fato, esta preocupação existiu. Por exemplo:

Em 1530, Carlos V, imperador da Alemanha, convoca a Dieta de Augsburgo. Objetivo: unificação político-religiosa dos seus domínios. Dali saiu a *Confissão de Augsburgo*, redigida por Filipe Melancton, o “*preceptor da Germânia*”, com a aquiescência de Lutero, que fez um comentário ambíguo a respeito da sua leveza. Essa *Confissão* foi lida, em latim e alemão, pelo Chanceler Christian Beyer, da Saxônia Eleitoral, perante toda a Dieta, no dia 25 de junho de 1530, às 15 horas. Mesmo o imperador não a aceitando, e proibindo a sua divulgação, ela em pouco tempo foi propagada em toda Alemanha.<sup>54</sup>

<sup>50</sup> Cf. LINDSAY, Tomas M. *La Reforma y su Desarrollo Social*, p. 100.

<sup>51</sup> Cf. FEBVRE, Lucien e JEAN-MARTIN, Henry. *O Aparecimento do Livro*. São Paulo: Hucitec, 1992, pp. 442-443; WENDEL, François. *Calvin*. New York, Harper & Row, Publishers, 1963, p. 113; GONZÁLEZ, Justo L. *A Era dos Reformadores*. São Paulo: Vida Nova, 1986 (Reimpressão), p. 111; GEORGE, T. *Teologia dos Reformadores*. São Paulo: Vida Nova, 1984, pp. 177-178; LADURIE, Emmanuel Le Roy. *O Mendigo e o Professor: a saga da família Platter no século XVI*. Rio de Janeiro: Rocco, 1999, Vol. 1, Vol. 1, p. 152, 153, 166.

<sup>52</sup> A dedicatória de Calvino é de 02/12/1545. Cf. CALVIN, John. *Tracts and Treatises on the Doctrine and Worship of the Church*. Grand Rapids, Michigan: Eerdmans, 1958, Vol. II, p. 36.

<sup>53</sup> Cf. *Catecismo de la Iglesia de Ginebra*. In: *Catecismos de la Iglesia Reformada*. Buenos Aires: La Aurora, 1962, pp. 7-8.

<sup>54</sup> Cf. HENDRY, George S. *The Westminster Confession for Today*. Richmond, Virginia: John Knox Press, 1960, p. 10.

É importante dizer que num primeiro momento foi impossível qualquer tentativa neste sentido, visto haver problemas geográficos, políticos, objetivos circunstanciais diferentes e mesmo problemas doutrinários. Contudo, já no século 17, algum progresso neste sentido é evidente, através de formulações doutrinárias mais completas e também após passar o primeiro ardor apaixonado e exclusivista, ainda que surgissem novos debates teológicos nos séculos 17 e 18, durante o período denominado de “*Ortodoxia Protestante*”.<sup>55</sup>

Mesmo assim, as diferenças permaneceram sem, contudo, ferir pontos cruciais da Reforma, tais como a Bíblia como autoridade final, a justificação pela graça mediante a fé, o sacerdócio universal dos santos, a suficiência do sacrifício de Cristo para nos salvar, etc.

Assim, os credos da Reforma tinham três objetivos específicos:

- a) Evidenciar os fundamentos bíblicos de seus ensinamentos;
- b) Demonstrar que as suas doutrinas estavam de acordo com os principais credos da igreja (Apostólico, Niceno, Constantinopolitano);
- c) Demarcar a sua posição teológica em relação à teologia romana e às demais correntes provenientes da Reforma.

As confissões provenientes da Reforma (Séculos 16 e 17), são divididas em dois grupos: luteranas e calvinistas (reformadas). Dentro do nosso propósito, só consideraremos as confissões reformadas (calvinistas).

### 3. A IGREJA PRESBITERIANA DO BRASIL E OS SÍMBOLOS DE FÉ

A Igreja Presbiteriana do Brasil completou 145 anos em agosto de 2004. A data comemorativa refere-se à chegada de Ashbel Green Simonton (1833-1867) ao Brasil, proveniente dos Estados Unidos, em 12/08/1859. Simonton veio como missionário da Junta de Missões Estrangeiras da Igreja Presbiteriana dos Estados Unidos da América. Ele, que já havia estudado português em Nova York, dedicou-se aqui com afinco ao estudo da nossa língua, iniciando uma Escola Bíblica Dominical em 22/04/1860.<sup>56</sup>

Em 25/07/1860, chega outro missionário enviado pela mesma Missão, Rev. Alexander Latimer Blackford (1829-1890), acompanhado de sua esposa Elizabeth, irmã de Simonton. O terceiro missionário, Rev. Francis J. C. Schneider (1832-1910), chegou em 07/12/1861.

Finalmente, em 12 de janeiro de 1862, Simonton organizou a Primeira Igreja Presbiteriana no Brasil, na capital do Império, Rio de Janeiro, à Rua Nova do Ouvidor nº 31, com as duas primeiras profissões de fé:

<sup>55</sup> Cf. DREHER, Martin. Introdução. *Confissão de Augsburgo*. São Leopoldo, RS: Sinodal, 1980, pp. 7-11; DRICKAMER, J.M. Confissão de Augsburgo: In: ELWELL, *Enciclopédia Histórico-Teológica da Igreja Cristã*, I, pp. 328-329.

<sup>56</sup> Para maiores detalhes sobre este assunto, cf. COSTA, H. M. P. *Ortodoxia Protestante: Um Desafio à Doutrina e à Piedade*. *Fides Reformata*, 3/1 (1998): pp. 50-71.

## HERMISTEN MAIA P. DA COSTA, OS SÍMBOLOS DE FÉ NA HISTÓRIA

um comerciante norte-americano, Henry E. Milford (com cerca de 40 anos), natural de Nova York, que veio para o Brasil como agente da Singer Sewing Machine Company, e Camilo Cardoso de Jesus (com cerca de 36 anos),<sup>57</sup> que posteriormente mudou o nome para Camilo José Cardoso.<sup>58</sup> Era natural da cidade do Porto, Portugal, sendo padeiro e ex-foguista em barco de cabotagem.<sup>59</sup> Ambos eram assíduos desde o início dos trabalhos promovidos por Simonton.<sup>60</sup> O Sr. Cardoso seria mais tarde o primeiro diácono eleito nessa igreja (02/04/1866), conservando-se neste ofício até a morte.<sup>61</sup>

Como o Sr. Milford já fora batizado na infância na igreja episcopal, não foi rebatizado.<sup>62</sup> Já o Sr. Camilo, por ser proveniente do romanismo, foi rebatizado (este era o seu desejo).<sup>63</sup> Simonton ter titubeou diante do problema de batizar ou não batizar o Sr. Cardoso, conversando com os seus colegas, ouvindo a opinião de Kalley e até mesmo consultando a Junta de Missões em Nova York.<sup>64</sup> O rebatismo de católicos convertidos estava em harmonia com a legislação da Igreja Presbiteriana dos Estados Unidos da América, que em 1835 decidira o seguinte: “A Igreja Católica Romana

<sup>57</sup> Até onde sabemos, este tipo de trabalho fora iniciado pelos metodistas no Rio de Janeiro, através do Rev. Justin Spaulding, no domingo 1º de maio de 1836. Todavia, esse trabalho teria curta duração: já em 1841 a Missão Metodista, por diversas razões, encerraria as suas atividades no Brasil, só reiniciando seu trabalho de forma permanente em 05/08/1867, com a chegada do Rev. Junis Eastham Newman (1819-1895). A segunda Escola Dominical em nosso território foi organizada pelos congregacionais, com o Dr. Robert R. Kalley (1809-1888) e a Sr.<sup>a</sup> Sara P. Kalley (1825-1907) em Petrópolis, no dia 19/08/1855. Esta foi primeira Escola Dominical em caráter permanente em solo brasileiro, lecionada em português. Até onde pesquisamos, a Escola Dominical criada por Simonton foi a terceira a ser organizada. Cf. COSTA, Hermisten M. P. *A Origem da Escola Dominical no Brasil: Esboço Histórico*. São Paulo: 1997.

<sup>58</sup> *Diário*, 14/01/1862; TRAJANO, Antônio, *Esboço Histórico da Igreja Evangelica Presbyteriana*. In: REIS, Álvaro (org.). *Almanak Historico do O Puritano*. Rio de Janeiro: Casa Editora Presbyteriana, 1902, pp. 7-8.

<sup>59</sup> *Ibid.*, p. 8.

<sup>60</sup> *Ibid.*, pp. 7-9; RIBEIRO, Boanerges. *Protestantismo e Cultura Brasileira*. São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, 1981, p. 24; FERREIRA, Júlio A. *História da Igreja Presbiteriana do Brasil*, 2ª ed., São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, 1992, Vol. I, p. 28.

<sup>61</sup> *Diário*, 25/11/61; 31/12/61; RIBEIRO, *Protestantismo e Cultura Brasileira*, p. 24, ver nota 131.

<sup>62</sup> *Relatório de Simonton apresentado ao Presbitério do Rio de Janeiro* no dia 10/07/1866, p. 8; TRAJANO, *Esboço Histórico da Igreja*, p. 8; FERREIRA, *História da Igreja Presbiteriana do Brasil*, Vol. I, p. 28.

<sup>63</sup> *Atas da Igreja do Rio de Janeiro*, (1862), p. 5; *Diário*, 14/01/62; RIBEIRO, *Protestantismo e Cultura Brasileira*, p. 25. Alguns historiadores, por um pequeno descuido indutivo, têm afirmado erradamente que o Sr. Milford também foi batizado na ocasião, o que de fato não ocorreu. (Como exemplo do equívoco, cf. TRAJANO, *Esboço Histórico da Igreja Evangelica Presbyteriana*, p. 7; BRAGA, Erasmo e GRUBB, Kenneth. *The Republic of Brasil*. New York, World Dominion Press, 1932, p. 58; LEONARD, Émile G. *O Protestantismo Brasileiro*. São Paulo: ASTE, 1963, p. 55.

<sup>64</sup> *Diário*, 14/01/62.

apostatou essencialmente a religião de nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo e, por isso, não é reconhecida como igreja cristã.”<sup>65</sup>

Em 1845, consultado se o batismo da Igreja de Roma era válido, o Presbitério de Ohio decidiu: “A resposta a essa questão envolve princípios vitais para a paz, a pureza e a estabilidade da Igreja de Deus. Após ampla discussão, que se estendeu por diversos dias, a Assembléia decidiu, pela quase unanimidade de votos (173 a favor e 8 contra) que o batismo administrado pela Igreja de Roma não é válido.”<sup>66</sup>

A segunda igreja foi organizada em São Paulo, por Blackford, em 05/03/1865, à rua São José, nº 1 (hoje Líbero Badaró), permanecendo nesse endereço até 1876.<sup>67</sup> Na ocasião foi celebrada a Santa Ceia pela terceira vez em São Paulo; 18 pessoas comungaram e a igreja recebeu seis novos membros por profissão de fé e batismo.<sup>68</sup> Simonton pregou na ocasião.<sup>69</sup> V.T. Lessa observa que não há registro de organização de Igreja, apenas se menciona a celebração da Ceia e a recepção de membros; todavia “a data ficou tradicional”.<sup>70</sup>

A terceira Igreja foi organizada também por Blackford em Brotas, interior de São Paulo, numa terça feira, 13/11/1865, na casa do Sr. Antônio Francisco de Gouvêa.<sup>71</sup> Conceição foi o pregador. Na ocasião, onze pessoas foram recebidas por profissão de fé e batismo, todas provenientes do catolicismo. Celebrou-se a Ceia do Senhor.<sup>72</sup> O trabalho fora intenso; havia um revezamento constante e dedicado: Blackford, Simonton, Chamberlain, Conceição,<sup>73</sup>

<sup>65</sup> RIBEIRO, *Protestantismo e Cultura Brasileira*, pp. 25-26; *Diário*, 14/01/62.

<sup>66</sup> *Assembly Digest*, Livro VI, Seção 83, p. 560 (1835); *Apud* HAHN, Carl J. *História do Culto Protestante no Brasil*. São Paulo: ASTE, 1989, p. 161.

<sup>67</sup> *Assembly Digest*, Livro III, Seção 13, p. 103 (1845); *Apud* HAHN, Carl J. *História do Culto Protestante no Brasil*, p. 162.

<sup>68</sup> Cf. *O Estandarte* 18/01/1912, p. 9.

<sup>69</sup> Cf. *Relatório de Blackford apresentado ao Presbitério do Rio de Janeiro*, Sessão de 10/07/1866. In: *Coleção Carvalhosa – Relatórios Pastorais, 1866-1875*, pp. 19-20. (fonte manuscrita)

<sup>70</sup> LESSA, Vicente T. *Annaes da 1ª Igreja Presbyteriana de São Paulo*. São Paulo: Edição da 1ª Igreja Presbyteriana Independente, 1938, p. 31; RIBEIRO, Boanerges. *Protestantismo e Cultura Brasileira*, p. 49; *O Padre Protestante*, 2ª ed. São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, 1979, p. 134.

<sup>71</sup> LESSA, *Annaes da 1ª Igreja Presbyteriana de São Paulo*, p. 31.

<sup>72</sup> O Rev. Blackford visitou Brotas pela primeira vez em fevereiro de 1865, “onde pregou o Evangelho pela primeira vez no domingo 5 do mesmo mês a 10 pessoas, em casa de D<sup>a</sup> Antonia Justina do Nascimento na vila. Em seguida pregou (...) em casa do Sr. Antonio (ilegível) Gouvêa a 40 pessoas e duas vezes em casa do Sr. Manoel José Ribeiro a 15 e 30 pessoas respectivamente.” *Livro de Atas da Igreja Evangélica Presbiteriana de Brotas*, Livro I, p. 2 (fonte manuscrita).

<sup>73</sup> Cf. *Relatório de Blackford apresentado ao Presbitério do Rio de Janeiro*, Sessão de 10/07/1866. In: *Coleção Carvalhosa – Relatórios Pastorais, 1866-1875*, p. 23. (fonte manuscrita); *Livro de Atas da Igreja Evangélica Presbiteriana de Brotas*, Livro I, p. 3 e 31 (fonte manuscrita); Blackford. In: RIBEIRO, Boanerges. *Protestantismo e Cultura Brasileira*, p. 311; LESSA, *Annaes da 1ª Igreja Presbyteriana de São Paulo*, pp. 34-35.

## HERMISTEN MAIA P. DA COSTA, OS SÍMBOLOS DE FÉ NA HISTÓRIA

Pitt e Pires.<sup>74</sup> Blackford relata: “Em fevereiro de 1865 visitei pela primeira vez a vila e o Distrito de Brotas... em março e abril os srs. Simonton e Chamberlain também foram lá... em junho do mesmo ano, o Sr. Bastos<sup>75</sup> visitou o lugar com livros e trabalhou com sucesso. Em outubro e novembro desse ano, Conceição e eu passamos uns 20 dias pregando e ensinando constantemente na vila e nos sítios do Distrito.”<sup>76</sup>

O trabalho crescia rapidamente. Em cada registro das “*Actas da Sessão ou dos Pastores*” constava o número de novos convertidos que professavam sua fé. Como vimos, na organização da igreja foram 11 pessoas (13/11/1865). A igreja aumentava: 7 pessoas (maio de 1866); 4 profissões de fé e batismos, e 9 batismos infantis (20/10/1866); 8 profissões de fé e batismo, e 1 profissão de fé – a pessoa já fora batizada (21/10/1866). Este ritmo continuou.<sup>77</sup> Brotas se tornará o grande celeiro de Reforma Evangélica.<sup>78</sup> A igreja só viria a ter um pastor residente em 04/09/1868, com a chegada do Rev. Robert Lenington (1833-1903),<sup>79</sup> quem mais tarde organizaria a Igreja de Borda da Mata, a primeira de Minas Gerais.

A igreja crescia; agora temos um Presbitério. Assim, no sábado 16/12/1865<sup>80</sup> organizou-se o Presbitério do Rio de Janeiro, em reunião na casa de Blackford, à rua São José, nº 1, São Paulo.<sup>81</sup> O Presbitério era composto por três pastores: A. G. Simonton, do Presbitério de Carlisle; A. L. Blackford, do Presbitério de Washington, e F. J. C. Schneider, do Presbitério de Ohio. Mediante proposta de Simonton, Blackford foi escolhido moderador, ficando Schneider como secretário temporário e Simonton como secretário permanente. O Presbitério do Rio de Janeiro (organizado em São Paulo),

<sup>74</sup> Cf. *Relatório de Conceição apresentado ao Presbitério do Rio de Janeiro*, Sessão de 10/07/1866 (fonte manuscrita).

<sup>75</sup> *Livro de Atas da Igreja Evangélica Presbiteriana de Brotas*, Livro I, p. 2-4 (fonte manuscrita); RIBEIRO, Boanerges. *José Manoel da Conceição e a Reforma Evangélica*. São Paulo: Livraria O Semeador, 1995, p. 49ss.

<sup>76</sup> Certamente o Sr. Manoel Pereira Bastos, agente da Sociedade Bíblica Americana [Cf. *Livro de Atas da Igreja Evangélica Presbiteriana de Brotas*, Livro I, pp. 2-3 (fonte manuscrita); *Relatório de Blackford apresentado ao Presbitério do Rio de Janeiro*, Sessão de 10/07/1866. In: *Coleção Carvalhosa - Relatórios Pastorais, 1866-1875*, p. 18 (fonte manuscrita)].

<sup>77</sup> *Relatório de Blackford apresentado ao Presbitério do Rio de Janeiro*, Sessão de 10/07/1866. In: *Coleção Carvalhosa - Relatórios Pastorais, 1866-1875*, pp. 22-23 (fonte manuscrita).

<sup>78</sup> Cf. *Livro de Atas da Igreja Evangélica Presbiteriana de Brotas*, Livro I, p. 31ss (fonte manuscrita).

<sup>79</sup> Cf. RIBEIRO, *O Padre Protestante*, pp. 123-132; LÉONARD, *O Protestantismo Brasileiro*, pp. 58-60.

<sup>80</sup> *Livro de Atas da Igreja Evangélica Presbiteriana de Brotas*, Livro I, p. 4 (fonte manuscrita); Blackford. In: RIBEIRO, *Protestantismo e Cultura Brasileira*, p. 311; *José Manoel da Conceição e a Reforma Evangélica*, p. 52; *O Padre Protestante*, p. 132.

<sup>81</sup> Cf. *Atas do Presbitério do Rio de Janeiro*, p. 7. Original manuscrito.



ficou sob a jurisdição do Sínodo de Baltimore.<sup>82</sup> Segundo Landes, na ocasião os missionários apresentaram cartas de transferência dos seus respectivos presbitérios para o Presbitério do Rio.<sup>83</sup>

Nesse mesmo dia, o ex-padre José Manoel da Conceição (1822-1873) foi examinado quanto ao seu desejo de ser ministro do evangelho, “princi- piando pelo exame de costume sobre os motivos que influíram nele para que desejasse ser incumbido do Ministério do Evangelho”.<sup>84</sup> Fez outros exames usuais e declarou aceitar a Confissão de Fé [de Westminster] e a Forma de Governo da Igreja Presbiteriana. Mediante proposta de Simonton, o Presbitério votou favoravelmente, dispensando-o dos “demais exames e formalida- des exigidos”, não porém do sermão de praxe. Foi marcado para isso o dia seguinte, às 10h30m, sendo inclusive indicado o texto do sermão: Evangelho de Lucas, capítulo 4, versos 18 e 19.<sup>85</sup>

No dia seguinte à hora marcada, após a abertura da Sessão, Concei- ção pregou a uma audiência de cerca de 25 pessoas. O sermão foi aprova- do. Às 17 horas, com parênese de Simonton baseada em 2 Coríntios 5, verso 20, o Presbitério procedeu à ordenação do Rev. José Manoel da Con- ceição,<sup>86</sup> o primeiro pastor brasileiro. O Presbitério passou a contar agora com quatro pastores.<sup>87</sup> Ainda não havia presbíteros na Igreja Presbiteriana no Brasil.<sup>88</sup> O Presbitério era formado por três igrejas: as do Rio de Janei- ro, São Paulo e Brotas.

Com a organização de um presbitério nacional, ligado ao Sínodo de Baltimore, significa que o sistema de liturgia, disciplina e doutrina daquele Sínodo também foi adotado aqui. Pois bem, em 1716 os três presbitérios americanos de Filadelfia, Newcastle e Long Island<sup>89</sup> haviam constituído o Sínodo de Filadélfia, que em 19/09/1729 adotou como símbolo de fé a

<sup>82</sup> O livro de atas tem em sua primeira página a inscrição: “Actas do Presbyterio do Rio de Janeiro constituído em São Paulo a 16 de dezembro de 1865 – Livro Primeiro.”

<sup>83</sup> *Atas do Presbitério do Rio de Janeiro*, p. 2.

<sup>84</sup> LANDES, Philip S. *Ashbel Green Simonton*, p. 67. A ata de organização não cita esse fato; no entanto, é possível e até natural que tenha ocorrido.

<sup>85</sup> *Atas do Presbitério do Rio de Janeiro*, pp. 2-3.

<sup>86</sup> *Ibid.*, pp. 4-5.

<sup>87</sup> *Ibid.*, p. 6; RIBEIRO, *O Padre Protestante*, pp. 138-141.

<sup>88</sup> Um dos participantes da reunião, referindo-se à ordenação de Conceição, escreveu: “Este acontecimento representa um passo importante no progresso do protestantismo neste país papal; o caráter desse homem, e sua influência entre o povo, vão ter, fora de toda dúvida, efeito considerável sobre a mente popular”. Cf. GASTON, James McFadden, *Hunting a Home in Brazil*, pp. 271-272. *Apud* FERREIRA, Júlio A. *História da Igreja Presbiteriana do Brasil*, Vol. I, p. 61.

<sup>89</sup> Os primeiros oficiais só seriam eleitos em 1866: diáconos em 02/04 e presbíteros em 07/07. Cf. *Relatório de Simonton apresentado ao Presbitério do Rio de Janeiro no dia 10/07/1866*, pp. 7-8; LESSA, *Annaes da 1ª Egreja Presbyteriana de São Paulo*, p. 41.

## HERMISTEN MAIA P. DA COSTA, OS SÍMBOLOS DE FÉ NA HISTÓRIA

Confissão de Fé e os Catecismos Maior e Menor de Westminster, com exceção dos capítulos que se referiam aos magistrados civis. Essa decisão ficou conhecida como “*Ato de Adoção*”.<sup>90</sup> Refletindo a teologia calvinista no presbiterianismo americano, os símbolos de Westminster foram revisados e emendados em 1787, e confirmados em maio de 1789, na organização da Assembléia Geral da Igreja Presbiteriana dos Estados Unidos.<sup>91</sup> Desta forma, podemos concluir que os símbolos de Westminster foram adotados no presbiterianismo brasileiro desde a sua implantação.

O ensino de catecismo foi parte integrante do pastorado de Simonton. Como vimos, o seu primeiro trabalho em português foi uma Escola Dominical em 22/04/1860. Os textos usados com as cinco crianças presentes (três americanas da família Eubank e duas alemãs da família Knaack), foram *A Bíblia*, *O Catecismo de História Sagrada*<sup>92</sup> e o *Progresso do Peregrino*, de Bunyan.<sup>93</sup> Duas das crianças, Amália e Mariquinhas (Knaack), confessaram ou demonstraram na segunda aula (29/04/1860) terem dificuldade em entender John Bunyan.<sup>94</sup>

Aqui nós vemos delineados os princípios que caracterizariam a nossa Escola Dominical: o estudo das Escrituras, o estudo da história bíblica através do *Catecismo de História Sagrada*<sup>95</sup> e uma aplicação ética e mística através do *Progresso do Peregrino*.

Na edição de 04/02/1865 da *Imprensa Evangélica*, deu-se início à publicação de um “*Breve catecismo para meninos*”, com uma nota de agradecimento: “Sumamente gratos à digna senhora que nos ofereceu esta tradução do inglês, nós chamamos a atenção dos senhores pais de família para estas doutrinas tão puras e salutares; e o fazemos com a melhor boa

<sup>90</sup> O Rev. Francis Makemie (1658-1708) foi enviado pelas igrejas da Escócia como missionário à América, pregando exaustivamente em várias cidades e criando a primeira Igreja Presbiteriana em Maryland no ano de 1684. [SMITH, Morton H. *Studies in Southern Presbyterian Theology*. New Jersey, Presbyterian and Reformed Publishing Company, 1987, pp. 18-20; NOLL, Mark A. *A History of Christianity in the United States and Canada*. Grand Rapids, Michigan: Eerdmans, 1993 (reprinted), p. 68].

<sup>91</sup> “Este Ato de Adoção convocava também os presbitérios a providenciarem para que nenhum candidato ao ministério fosse admitido sem subscrever todos os artigos essenciais e necessários da *Confissão* ou dos *Catecismos*. Providenciava também para que, caso qualquer ministro do Sinodo não pudesse aceitar algum artigo julgado necessário e essencial pelo presbitério, este presbitério o declarasse impossibilitado de continuar como membro daquele corpo”. Cf. SINGER, Gregg. Os Irlandeses-escoceses na América. In: REID, W. Stanford (org.). *Calvino e Sua Influência no Mundo Ocidental*. São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, 1990, pp. 333-334.

<sup>92</sup> SMITH, Morton H. *Studies in Southern Presbyterian Theology*, p. 29; HODGE, Archibald A. *Confissão de Fé Westminster Comentada por A. A. Hodge*, p. 45.

<sup>93</sup> Estou convencido de que este *Catecismo* foi o mesmo que ele publicou parcialmente na *Imprensa Evangélica* a partir da edição de 16/02/1867 até 16/11/1867.

<sup>94</sup> *Diário*, 28/04/1860.

<sup>95</sup> *Diário*, 01/05/1860.

vontade, porquanto também nos lisonjeia a colaboração de tão eminente tradutora.”<sup>96</sup>

No seu relatório ao Presbitério em 1867, Simonton diz que havia dois cultos dominicais na igreja e um às quartas-feiras. Ele havia feito uma modificação no culto matinal, realizando “um exercício mais familiar, os membros da igreja tomando parte mais ativa nas orações e meditação que são o fim dessa reunião”.<sup>97</sup> Entendendo que a igreja deve ser uma escola para o crente, adotou a prática de uma vez por mês substituir o sermão “pelo estudo e a explicação do breve catecismo [de Westminster?]”, crendo que “a excelência desta exposição das doutrinas da salvação é reconhecida por todos”. Seu objetivo era preparar os crentes para defender-se dos ataques incrédulos; portanto, “estou fazendo o que está em mim para gravar este catecismo na memória de todos”.<sup>98</sup>

Em 1870, após a licenciatura de Modesto Carvalhosa (1846-1917), Miguel Torres (1848-1892) e Antônio Trajano (1843-1921), o Presbitério do Rio de Janeiro decide que os referidos licenciados se preparem para a próxima reunião do Presbitério (1871) com vistas à sua ordenação ao sagrado ministério, estudando os capítulos 1 a 14 da Confissão de Fé [de Westminster], a fim de serem “examinados minuciosamente”. Recomendou-se também que os candidatos “estudassem particularmente sobre estes assuntos Hodge’s Commentary on the Confession of Faith e Hodge’s Outlines of Theology.”<sup>99</sup>

Em 1876, a Igreja Presbiteriana publicou em português a *Confissão de Fé de Westminster*,<sup>100</sup> constando também da “*Epítome da Forma de Governo e Disciplina da Igreja Presbyteriana*”, que em seu prefácio, à página 78, dizia:

<sup>96</sup> Em 1867, *A Imprensa* faz a publicação do *Catecismo*, iniciando com uma nota explicativa: “A Bíblia em grande parte é história, e o plano da nossa redenção atravessa longos séculos, começando a descobrir-se a Adão e Eva e alcançando o seu perfeito desenvolvimento com a descida do Espírito Santo no dia de Pentecoste. Se queremos compreender a Bíblia e torná-la compreensível aos outros, é mister darmos a devida importância à sua forma histórica. É necessário acompanhar passo a passo o desenvolvimento do plano de Deus em relação à nossa raça e comentar os fatos na ordem em que se sucedem” (*Imprensa Evangélica*, 16/02/1867, p. 27). Esse *Catecismo* seria publicado pela *Imprensa* até 16/11/1867, com a promessa de continuar. No entanto, Simonton morreria semanas depois, o que me leva a crer que o referido trabalho era de sua autoria.

<sup>97</sup> *Imprensa Evangélica*, 04/02/1865, p. 8. Esse catecismo foi publicado até a edição de 06/5/1865 (o jornal saiu erradamente com a data de 1864), perfazendo um total de 203 perguntas. Não consegui identificar a origem do referido catecismo; todavia sabemos que não é o *Breve Catecismo de Westminster*.

<sup>98</sup> *Relatório de Simonton apresentado ao Presbitério do Rio de Janeiro* no dia 12/07/1867, p. 3

<sup>99</sup> *Ibid.*, p. 5 do seu relatório individual.

<sup>100</sup> *Ata do Presbitério do Rio de Janeiro*, Sessão de 29/08/1870. Esta obra foi traduzida para o português recentemente. Cf. HODGE, Archibald A. *Confissão de Fé Westminster Comentada por A. A. Hodge*. São Paulo: Editora os Puritanos, 1999, 596p.

## HERMISTEN MAIA P. DA COSTA, OS SÍMBOLOS DE FÉ NA HISTÓRIA

O seguinte Epítome de Forma de Governo e Disciplina da Igreja Presbiteriana foi preparada por uma comissão do Presbitério do Rio de Janeiro, para de alguma maneira suprir a falta de uma edição autorizada em sua Forma de Governo e Disciplina, que até agora não tem sido possível oferecer ao público; o que porém se espera seja realizado sem muita demora.

Durante o ano de 1881 saiu publicado em vários fascículos, na *Imprensa Evangélica*, o “*Livro de Ordem da Igreja Presbyteriana no Brazil*”. No capítulo VII, da Primeira Parte, dizia:

A Constituição da Igreja Presbiteriana no Brasil consiste de seus Símbolos Doutrinários compreendidos na Confissão de Fé, nos Catecismos Maior e Breve, juntamente com o Livro de Ordem Eclesiástica, que abrange a Forma de Governo, as Regras de Disciplina, e o Diretório do Culto.

Para os pastores, presbíteros e diáconos serem ordenados, tinham que responder afirmativamente à seguinte pergunta: “Recebeis e adotais sinceramente a Confissão de Fé e Catecismos desta Igreja, como fiel exposição do sistema doutrinário ensinado nas Santas Escrituras?”<sup>101</sup> Como exemplo, cito que o Rev. Eduardo Carlos Pereira e o Rev. José Zacarias de Miranda foram ordenados após cumprirem os exames previstos pelo “*Livro de Ordem*”.<sup>102</sup>

Em 1888, a Igreja Presbiteriana no Brasil constava de três presbitérios,<sup>103</sup> a saber: Rio de Janeiro (organizado em 16/12/1865), Campinas e Oeste de Minas (organizado em 14/04/1887) e Pernambuco (organizado em 17/08/1888). Assim, autorizados pelas Assembléias Gerais das Igrejas Presbiterianas dos Estados Unidos (Norte e Sul), esses presbitérios se reuniram no dia 6 de setembro de 1888, no templo da Igreja Presbiteriana do Rio de Janeiro, sob a direção do Rev. G.W. Chamberlain, para constituir o primeiro Sínodo nacional. Na ocasião, pregou o Rev. Eduardo Lane. Em seguida, procedeu-se à chamada dos respectivos representantes dos presbitérios. A convite do presidente, o Rev. A. L. Blackford leu o ato constitutivo do Sínodo, que, aprovado previamente pelos presbitérios, foi aprovado unanimemente pelo Sínodo, o qual recebeu o seguinte nome: “*Synodo da Igreja Presbyteriana no Brazil*”. O Rev. Blackford foi eleito Moderador do Sínodo, no primeiro escrutínio.

Aqui os Padrões de Westminster são confirmados como símbolos de fé da igreja nacional. No Ato Constitutivo, Art 1º, § 2º, lemos:

Os símbolos da igreja assim constituída serão a Confissão de Fé e os Catecismos da assembléia de Westminster, recebidos atualmente pelas igrejas

<sup>101</sup> *Confissão de Fé de Westminster*, Rio de Janeiro, Livraria Evangélica, 1876, 96 p.

<sup>102</sup> *Livro de Ordem*, I.6. seções 5 e 6.

<sup>103</sup> Cf. *Livro de Atas da Igreja Evangélica Presbiteriana de Brotas*, Ata nº 154, p. 1 (fonte manuscrita); *Imprensa Evangélica e Revista Christã*, set/1881, p. 287.

presbiterianas nos Estados Unidos, e o Livro de Ordem publicado na *Imprensa Evangélica* de 1881, com as emendas já adotadas pelos presbitérios.

A nossa igreja, fiel à sua compreensão bíblica e ao seu compromisso histórico, continua adotando os mesmos símbolos de fé. A *Constituição da Igreja Presbiteriana do Brasil*, promulgada em 20 de julho de 1950 e ainda hoje em vigor, diz no Capítulo I, Art 1º:

A Igreja Presbiteriana do Brasil é uma federação de igrejas locais, que adota como única regra de fé e prática as Escrituras Sagradas do Velho e Novo Testamento e como sistema expositivo de doutrina e prática a sua Confissão de Fé e os Catecismos Maior e Breve...

Como já indicamos, os Padrões de Westminster são os símbolos de fé de todas as igrejas presbiterianas do mundo que tiveram origem inglesa ou escocesa.<sup>104</sup>

#### 4. O USO DE CATECISMOS E CONFISSÕES REFORMADOS

##### 4.1. Limites

Creio ter ficado evidente a relevância dos credos evangélicos<sup>105</sup> no que se refere à sua formulação doutrinária. O ato de depreciar os credos significa deixar de usufruir as contribuições dos servos de Deus do passado referentes à compreensão bíblica. “É uma negação prática da direção que no passado deu o Espírito Santo à Igreja.”<sup>106</sup>

Por outro lado, temos de entender – como sempre foi entendido pelos reformados – que os credos têm o seu limite. O credo é uma resposta do homem à Palavra de Deus, sumariando os artigos essenciais da fé cristã. Desta forma, eles pressupõem fé, mas não a geram. Esta é obra do Espírito Santo através da Palavra (Rm 10.17).

Os credos baseiam-se na Palavra, porém não são a Palavra – nem jamais foi isto cogitado pelos seus formuladores. Eles não podem substituir a Palavra de Deus; somente ela gera vida pelo poder de Deus (1Pe 1.23; Tg 1.18).<sup>107</sup>

Para nós reformados, os credos têm a sua autoridade decorrente da Palavra de Deus; em outras palavras, o seu valor não é intrínseco, mas sim, extrínseco. Eles são recebidos e cridos enquanto permanecem fiéis à Escritura;

<sup>104</sup> Perfazendo um total de 50 igrejas locais, mais de três mil membros professos e não menos de dez mil assistentes. Cf. *Imprensa Evangélica*, 05/01/1889, p. 4.

<sup>105</sup> Cf. HODGE, A. A. *Esboços de Teologia*. Lisboa: Barata & Sanches, 1895, p. 112.

<sup>106</sup> Chamo aqui de “credos”, os credos propriamente ditos, os Catecismos e as Confissões.

<sup>107</sup> BERKHOF, Louis. *Introducción a la Teología Sistemática*, p. 22. Stott coloca bem esta questão: “Desrespeitar a tradição e a teologia histórica é desrespeitar o Espírito Santo que tem ativamente iluminado a Igreja em todos os séculos”. Cf. STOTT, John R.W. *A Cruz de Cristo*. Miami: Editora Vida, 1991, p. 8.

## HERMISTEN MAIA P. DA COSTA, OS SÍMBOLOS DE FÉ NA HISTÓRIA

desse modo, a sua autoridade é relativa. Se isto é assim, alguém poderia insistir: “*Para que, então, os credos, se nós temos a Bíblia?*” A. A. Hodge (1823-1886) faz uma observação relevante:

Todos os que estudam a Bíblia fazem isso necessariamente no próprio processo de compreender e coordenar o seu ensino; e pela linguagem de que os sérios estudantes da Bíblia se servem em suas orações e outros atos de culto, e na sua ordinária conversação religiosa, todos tornam manifesto que, de um ou outro modo, acharam nas Escrituras um sistema de fé tão completo como no caso de cada um deles lhe foi possível. Se os homens recusarem o auxílio oferecido pelas exposições de doutrinas elaboradas e definidas vagarosamente pela Igreja, cada um terá de fazer seu próprio credo, sem auxílio e confiando só na própria sabedoria. A questão real entre a Igreja e os impugnadores de credos humanos não é, como eles muitas vezes dizem, uma questão entre a Palavra de Deus e os credos dos homens, mas é questão entre a fé provada do corpo coletivo do povo de Deus e o juízo privado e a sabedoria não auxiliada do objeto individual.<sup>108</sup>

Os credos são somente uma aproximação e uma relativa exposição correta da verdade revelada. Desta forma, podem ser modificados pelo progressivo conhecimento da Bíblia, a qual é infalível e inesgotável. Por isso, não devemos tomar os credos como autoridade final para definir um ponto doutrinário: os limites de nossa reflexão teológica estão na Palavra, não nos credos. Os credos não estabelecem o limite de nossa fé, antes a norteiam. A Palavra de Deus sempre será mais rica do que qualquer pronunciamento eclesiástico, por melhor que seja elaborado e por mais fiel que seja às Escrituras.<sup>109</sup> A firmeza e vivacidade da teologia reformada estão justamente em basear o seu sistema em todo o desígnio de Deus, submetendo-o ao próprio Deus que fala através da Sua Palavra.<sup>110</sup>

*A Confissão de Fé de Westminster*, capítulo I, seção 10, diz:

O Juiz Supremo, pelo qual todas as controvérsias religiosas têm de ser determinadas, e por quem serão examinados todos os decretos de concílios, todas as opiniões dos antigos escritores, todas as doutrinas de homens e opiniões particulares, o Juiz Supremo, em cuja sentença nos devemos firmar, não pode ser outro senão o Espírito Santo falando na Escritura.

#### **4.2. Valor e importância**

A idéia de credos desagrada a muitas pessoas porque eles pressupõem caminhos a serem seguidos. Tais pessoas imaginam os credos como um empobrecimento espiritual, um amordaçamento do Espírito. Dentro

<sup>108</sup> Cf. BOICE, J. M. *O Alicerce da Autoridade Bíblica*, p. 162.

<sup>109</sup> HODGE, A. A. *Esboços de Teologia*, p. 99.

<sup>110</sup> Cf. BERKOUWER, G.C. *A Pessoa de Cristo*. São Paulo: ASTE, 1964, p. 76.

dessa perspectiva, a doutrina tem pouco valor, o que importa de fato é a “vida cristã”. Daí as ênfases dessas pessoas ou grupos nas “experiências” – que, via de regra, pretendem convalidar a Palavra – ou num “evangelho” puramente ético-social. Todavia, ambos os comportamentos, que revelam o mesmo equívoco, pecam por não compreender que a base de uma vida cristã autêntica é uma sólida doutrina vivenciada (cf. 1Tm 4.16).<sup>111</sup> Alinhemos agora, alguns elementos que atestam a importância e o valor dos credos:

**1)** Facilitam a confissão pública de nossa fé.

**2)** Oferecem-nos de forma abreviada o resultado de um processo cumulativo da história, reunindo as melhores contribuições de diversos servos de Deus na compreensão da verdade. Em outro lugar, referindo-nos à ciência, enfatizamos que ela não tem pátria nem idade, não sendo privilégio de um povo, menos ainda de um indivíduo; todo cientista – usando a figura de João de Salisbury (c. 1110-1180) – equivale a um anão sobre ombros de gigantes, valendo-se das contribuições de seus predecessores, a fim de poder enxergar um pouco além deles. Podemos aplicar esta figura à teologia. Aliás, Packer já o fez, aplicando-a mais especificamente à tradição: “A tradição nos permite ficar sobre os ombros de muitos gigantes que pensaram sobre a Bíblia antes de nós. Podemos concluir pelo consenso do maior e mais amplo corpo de pensadores cristãos, desde os primeiros Pais até o presente, como recurso valioso para compreender a Bíblia com responsabilidade. Contudo, tais interpretações (tradições) jamais serão finais; precisam sempre ser submetidas às Escrituras para mais revisão”.<sup>112</sup>

**3)** São uma exigência natural da própria unidade da igreja, que exige um acordo doutrinário<sup>113</sup> (Ef 4.11-14; Fp 1.27; 1Co 1.10; Jd 3/Tt 3.10/Gl 1.8,9; 1Tm 6.3-5).

**4)** Visto que o cristianismo é um modo de vida fundamentado na doutrina, os credos oferecem uma base sintetizada para o ensino das doutrinas bíblicas, facilitando a sua compreensão, a fim de que todos os crentes sejam habilitados para a obra de Deus. Não deixa de ser curioso o fato de Spener (1635-1705), o fundador do pietismo – que se opunha ao “Escolasticismo Protestante” –, insistir com os pastores que ensinem às crianças e aos adultos,

<sup>111</sup> O teólogo reformado Geerhardus Vos (1862-1949) conceituou corretamente a teologia, afirmando: “Toda genuína Teologia Cristã é necessariamente Teologia Bíblica porque à parte a Revelação Geral, a Escritura constitui o único material com o qual a ciência teológica pode tratar”. VOS, Geerhardus. *Biblical Theology: Old and New Testament*. Grand Rapids, Michigan: Eerdmans, 1985 (reprinted), “Preface”, p. v.

<sup>112</sup> Cf. LLOYD-JONES, D. M. AS INSONDÁVEIS RIQUEZAS DE CRISTO. São Paulo: PES, 1992, pp. 8, 85-86, 165, 254; Idem, *O Combate Cristão*. São Paulo: PES, 1991, pp. 101-103, 127.

<sup>113</sup> PACKER, *O Conforto do Conservadorismo*, p. 235.

## HERMISTEN MAIA P. DA COSTA, OS SÍMBOLOS DE FÉ NA HISTÓRIA

juntamente com as Escrituras, o Catecismo,<sup>114</sup> visto ser este fundamental para a sedimentação da fé.<sup>115</sup>

5) Preservam a doutrina bíblica das heresias surgidas no decorrer da história, revelando-se de grande utilidade, especialmente nas questões controvertidas, dando-nos uma exposição sistemática e norteadora a respeito do assunto.

6) No que se refere à compreensão bíblica, permitem distinguir as nossas igrejas das demais.

7) Servem como elemento regulador do ensino ministrado na igreja, bem como de seu governo, disciplina e liturgia.

James Orr (1844-1913), na sua obra prima *O Progresso do Dogma*, escrevendo sobre os “Credos da Reforma”, disse:

... A idade da Reforma se destacou por sua produtividade de credos. Faremos bem se não menosprezarmos o ganho que resulta para nós destas criações do espírito do século XVI. Cometeremos grave equívoco se, seguindo uma tendência prevaiente [1897], nos permitirmos crer que são curiosidades arqueológicas. Estes credos não são produtos ressecados como o pó, senão que surgiram de uma fé viva, e encerram verdades que nenhuma Igreja pode abandonar sem certo detrimento de sua própria vida. São produtos clássicos de uma época que se comprazia em formular credos, com o que quero dizer uma época que possuía uma fé que é capaz de definir-se de modo inteligente, e pela qual se está disposto a sofrer se for necessário – e que, portanto, não pode expressar-se em formas que não tenham validade permanente. [...] Estes credos se têm mantido erguidos como testemunhos, inclusive em períodos de decadência, das grandes doutrinas sobre as quais foram estabelecidas as Igrejas; têm servido como baluartes contra os assaltos e a desintegração; têm formado um núcleo de reunião e reafirmação em tempos de avivamento; e talvez têm representado sempre com precisão substancial a fé viva da parte espiritual de seus membros... Os credos da Reforma dão, e isto praticamente pela primeira vez, uma exposição conjunta de todos os grandes artigos da doutrina cristã.<sup>116</sup>

8) Servem como desafio para que continuemos nossa caminhada na preservação da doutrina e na aplicação das verdades bíblicas aos novos desafios de nossa geração, integrando-nos assim, à nobre sucessão daqueles que amam a Deus e a sua Palavra e que buscam entendê-la e aplicá-la, em submissão ao Espírito, à vida da Igreja. Portanto, “o conservadorismo criativo utiliza-se da tradição, não como autoridade final ou absoluta, mas como

<sup>114</sup> Cf. HODGE, A. A. *Esboços de Theologia*, p. 100; BERKHOF, *Introducción a la Teología Sistemática*, p. 18.

<sup>115</sup> No caso, o *Catecismo Menor* de Lutero, 1529. Spener era luterano.

<sup>116</sup> Cf. SPENER, P. J. *Mudança para o Futuro: Pia Desideria*. Curitiba/São Bernardo do Campo: Encontro Editora/Instituto Ecumênico de Pós-Graduação em Ciências da Religião, 1996, pp. 32-33; 57-58; 118.



recurso importante colocado à nossa disposição pela providência de Deus, a fim de nos ajudar a entender o que a Escritura está nos dizendo sobre quem é Deus, quem somos nós, o que é o mundo ao nosso redor, e o que fomos chamados para fazer aqui e agora”.<sup>117</sup>

Conforme já vimos, o Antigo e o Novo Testamento usaram deste recurso para auxiliar os crentes na sua vida doutrinária e prática, expressando também o que a igreja cria. Creio que isto resume bem o nosso assunto. Que Deus nos abençoe e nos ensine a honrar a sua Palavra e os credos da igreja enquanto estes permanecerem fiéis à Escritura.

### ABSTRACT

In this article the author starts from the following: a) the use of catechisms and confessions was very important for teaching adherents of the sixteenth-century Protestant Reformation; b) the teaching of the Westminster symbols performed an important role when the Presbyterian Church was started in Brazil; c) today there is a weakening of such emphasis, even in seminaries. The authors analyzes the appearance of the word “symbol”, its use as “symbol of faith”, and emphasizes that the creeds (catechisms and confessions) in the Reformation had three specific aims: a) to show the biblical foundations of their teachings; b) to show that their doctrines were in accordance with the main creeds of Christianity (Apostolic, Nicene, Constantinopolitan); c) to state their theological position vis-à-vis Roman theology and the other currents that derived from the Reformation. The author also shows how the Westminster symbols were used and officially adopted when Presbyterianism was introduced in Brazil. He concludes by showing the limits of the creed, as well as their value and importance for the edification of the church in our day.

### KEYWORDS

Symbol; symbol of faith; Protestant Reformation; Westminster Confession of Faith; Westminster Catechisms; Presbyterianism; Presbyterian Church of Brazil.

---

<sup>117</sup> ORR, James. *El Progreso del Dogma*. Barcelona, CLIE, [1988], pp. 226-227.